







self(ie)-performance animal



# self(ie)-performance animal

Silmar p RioMar

trabalhos entre 2009 - 2013

Declaração de Autoria e Direitos Autorais© [2025] [Silmar p. RioMar].

Todos os direitos reservados. Este portfólio — incluindo, mas não se limitando a, textos, imagens, fotografias, ilustrações, desenhos, projetos, legendas e quaisquer materiais acessórios — é obra original de [Silmar p. RioMar] e encontra-se protegido pela legislação de direitos autorais aplicável. Fica expressamente proibida a reprodução, impressão, cópia, reprodução parcial ou integral, adaptação, tradução, distribuição, disponibilização online, exibição pública, comunicação ao público ou qualquer outra forma de exploração, a título gratuito ou oneroso, de qualquer parte deste portfólio (texto ou imagem), sem prévia e expressa autorização por escrito do titular dos direitos, sob pena das sanções civis e criminais cabíveis, nos termos da lei.

Pedidos de autorização para reprodução, uso comercial, reprodução parcial ou integral, ou quaisquer outros usos devem ser encaminhados por escrito para: [riosilmarp@gmail.com](mailto:riosilmarp@gmail.com)







Este portfólio é um convite a entrar num ritual de metamorfose: fotos, textos e objetos que se respondem e se provocam, formando uma só superfície viva onde a persona se faz e se desfaz — ora selfie, ora performance, ora bestiário íntimo. (Portfólio self(ie)-performance animal, Silmar P. RioMar). selfie performance animal livro...Comece pela imagem que parece mais próxima do rosto: não espere aqui um retrato tranquilo. O rosto é campo de experiência — máscara, sinal, ferida — e carrega consigo o corpo todo, o gesto e a história. As fotografias não apenas mostram: elas convocam o leitor a se mover, a acompanhar a ação até o limite do incômodo e do encanto. Nos textos que acompanham, há narrativas breves e anotações que explicam, comentam ou desestabilizam a própria imagem; ler imagem e legenda em conjunto produz um efeito operatório, como se cada página estivesse montando uma criatura. selfie performance animal livro...O motor temático do material é a tensão entre humano e animal — o “animal de si mesmo” que o trabalho nomeia.

Essa figura não é um retorno à natureza, mas uma construção: trajes, adereços, cerâmicas, objetos descartáveis e actos performativos que reencarnam a personagem. Observe como as séries de imagens repetem formas, pequenos rituais e variações de pose; essa repetição é a oficina da transformação: a massa torna-se indivíduo porque é reiterada, tocada, remoldada. As legendas técnicas e processuais, presentes ao longo do portfólio, oferecem as chaves: são pistas sobre materiais, resíduos, tempos de secagem e procedimentos — a mecânica da alquimia artística. selfie performance animal livro...Os textos curtos — anotações poéticas, frases limiares, pequenos relatos de ocorrência — funcionam como intruções de uso e como incensos: perfumam a leitura e ao mesmo tempo explicam.

Há momentos de testemunho (um encontro com a água, uma expulsão, uma vigília) que atuam como gênese simbólica do projeto; esses trechos dão à obra um eixo emocional, um motivo que volta a ecoar nas imagens e nos objetos. Leia-os em voz alta se puder: o efeito é performativo e ajuda a sintonizar o ritmo das fotos e esculturas. selfie performance animal livro...Visualmente, o portfólio alterna o íntimo e o cerimonial. Fotografias de detalhe — mãos, olhos, costuras, pigmentos — dialogam com imagens de conjunto: a personagem inteira em cena, os objetos em mesa, as instalações pobres que servem de altar. Essa oscilação entre micro e macro permite ao leitor tanto uma leitura tática (como se estivesse no ateliê) quanto uma leitura simbólica (como se estivesse numa sala de rituais).

As imagens funcionam, portanto, como microssistemas: cada uma carrega técnica, tempo e mito. selfie performance animal livro...Permita-se, ao folhear, seguir duas rotas: a primeira, linear — relato inicial → processo → encarnação → desdobramentos; a segunda, sensorial — escolher uma imagem e deixar que as legendas e os textos circundantes puxem a atenção para materiais, cores e sons imaginados. Ambas resultam: a primeira dá compreensão; a segunda produz desejo de ficar dentro daquele mundo.

O começar é pelo relato-limiar, depois a revelação das operações técnicas que dão corpo à poética. *Selfie performance animal*, é um trabalho sobre visibilidade e cuidado: sobre o que significa tornar visível (e, ao fazê-lo, dar forma) e sobre as práticas materiais que mantêm essa visibilidade com dignidade. Não se trata de demonstrar virtuosidade técnica ou teórica, mas de mostrar como a ação repetida — o gesto de moldar, vestir e fotografar — é ela mesma uma prática ética de presença. Leve este compendio de escrita e imagens como um campo de experimentos onde o leitor é convidado a participar mentalmente do rito; permita que as imagens suscitem perguntas antes das respostas.

0 ANIMAL DE SI MESMO











Este trabalho busca compreender a escrita literária como performance através de um fazer o texto, em processo. As próximas páginas são parte da invenção de um itinerário de pesquisa que envolve experiências práticas, o apoio de algumas leituras bibliográficas que são provenientes tanto da literatura quanto da teoria e um assunto digamos, muito utilizado nos dias atuais, a fotografia contemporânea de retrato: *selfie*<sup>1</sup>. É nesta imbricação que as primeiras perguntas<sup>2</sup> surgem: Para que se faz pesquisa? Como apresentar os resultados dessa pesquisa? Como pesquisar e argumentar mantendo uma voz pessoal, mas que se comunica com o leitor? E se a pesquisa for em processos artísticos contemporâneos, como inventar metodologias de apresentação desligadas das noções de coesão e análise de dados

1 - O vocábulo-palavra *selfie* ou *selfy* é fruto de um acaso e tornou-se um termo amplamente acionado na vida do dia-a-dia “*everyday life*”. Apareceu pela primeira vez em um fórum social australiano em 2002. A imagem era uma fotografia de uma macaca da espécie negra, que produziu vários auto-retratos, segurando a câmera em sua direção e mirando a lente para si mesma. Enquanto utilizava a câmera do fotógrafo britânico David Slater, na indonésia. As fotos eram inúmeras, instantâneas e deflagram uma investigação do equipamento tecnológico em relação ao corpo. Na decorrência a fama do novo vocábulo cresceu pelo uso nas redes sociais acompanhado de *hashtag*, até que em 2013 tornou-se um substantivo com definição pelo dicionário Oxford, sendo reconhecida a palavra do ano nesse esquema de produção de linguagem. Além da semântica, a *selfie* tornou-se uma ação do dia-a-dia. É uma técnica aprendida por auto investigação, tanto do equipamento quanto do corpo e ocupa espaço de destaque nas mídias de massa onde mostra toda sua versatilidade lingüística dando raiz a outros termos que indicam a investigação de outras partes corpo, como por exemplo *Helfie*, uma foto do cabelo; *hair + selfie*, ou *Belfie*, uma foto da bunda; *butt + selfie*.

2 - Quem será o leitor dessa pesquisa? A quem interessa esses temas abordados? O leitor vai se divertir? Vai gozar? Como fazer para a dissertação ser o mais próximo possível de um trabalho de arte? Como existir sem doer tanto? Quais são as receitas para ser diferente, único? Isso é importante? E se eu não conseguir responder essas perguntas? E se a vida acabar e eu continuar fazendo perguntas? E se me perguntarem sobre as minhas perguntas? E se o leitor me odiar? E se eu odiar o leitor? E se a escrita não conseguir corpo de texto e tornar-se um monte de parágrafos amontoados? E se eu perder o tesão? E se tudo for um engano? E se não for bom? E se eu não me tornar uma celebridade?

Como construir interesses de pesquisa capazes de suportar o tempo estendido da confecção do texto

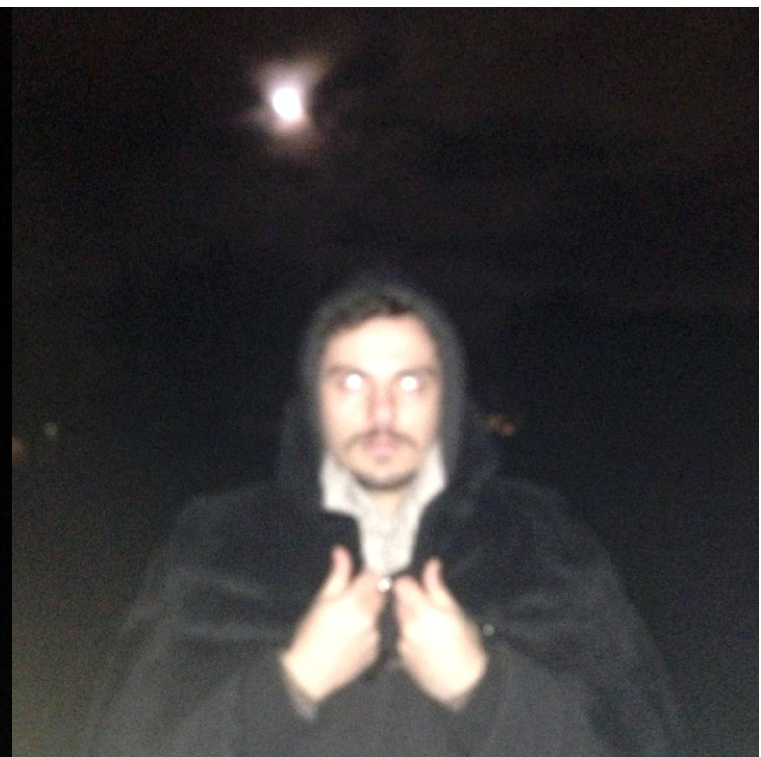
Sem querer jogar tudo no fogo e sair correndo ao nada. Vou tentar, juro. Pelo menos enquanto escrevo me mantenho fiel a mim mesmo, e tentarei ser o mais honesto possível com o ubíquo leitor. Espero que tenhamos um caso de amor, sejamos amorosos, afinal do que vale a vida se não nos amarmos?

Tudo isso sem aquele velho teor de verdade cientificista; porque evidencia-se aqui, a observação factual de que tudo se transforma o tempo todo, tudo só pode ser pensado em relação, seja ao(s) sujeito(s) da pesquisa ou mesmo ao próprio sujeito que faz a pesquisa. Também como falar sobre acontecimentos experimentados em tempo real? E assim poder propor ao leitor também uma experiência? Ressaltando que a diferença entre ambas, teoria e prática, ou literatura e teoria, não existe na proposição desta empreitada textual, e tanto ficção quanto conceitos são complementares, só podendo existir em relação, afinal parece que só um leitor é capaz de escrita e ao contrário.

Ao leitor será reivindicado então, encontrar pistas que esclareçam o aporte conceitual no texto, que por mais que não pareça, existe. As ações imagéticas ou em forma de escrita ficcional, foram elaboradas para forjar algum critério de substancia intelectual de valor para pesquisa. A composição será escrita (descrita) em um cenário

que ao longo de planuras e flanares aos céus enuviados de chover; para mergulhos rasantes-refrescantes de mar balé do porto ; o que se presenciara é a descritiva mistura de cenas instauradas no imaginário e encarnadas na frágil possibilidade de ser/estar habitante dessas visões por meio do corpo de algum outro(a), que é um personagem talvez, num exercício de alterar a si mesmo e liberar-se do tédio rotineiro do mundo cotidiano.









Se trata da alteridade delirante e que vaga a bunda pelas cidades mijadas de noite carnavalesca ao mesmo tempo que é mato alto-floresta de árvores e animais exuberantíssimos de elegância e realeza tropical. Isso acontece porque a noção de performance a ser discutida é atrelada a ação; que recai no corpo, sendo essa a *hashtag* primeira que fundamenta os posts no deslizar deste mural. Neste sentido, não será possível encontrar definições precisas nos temas tratados. É a própria performance/literatura enquanto categoria de fatura nas artes e nas ciências, a filha desgarrada desse sintoma cultural da nossa época de não explicar as coisas. Fazendo rodeios, rodopia e espalha o assunto mais ainda. É uma angústia entalada. Que vai além e usa despudoramente o pesado e celebrado nome dos autores; como ora encontros salientes festivos amorosos, ou por vezes; faz de melhor amigo-gay em prosaicos desabafos sobre suas divergências com o(a) outra(o) lá; (o/a personagem), e seus casos extraconjugais praticados na surdina dos dias calados.

Quando vi já gostei. O que tinha de contemplativo era expresso no jeito mundano de ser, um se equivalia ao outro exatamente na mesma medida e me engoliu o todo. Me fez de refeição, lanchinho. O final da manhã me fez levantar da cama e receber as boas notícias de colheita, me sentia uma colona soviética ruiva, grávida, branquíssima, na Europa Oriental da glória de 1800, bebíamos e fumávamos. Dançando a noite inteira, pé duro, congelado pelo frio, que foi aquecendo. Minhas sardas cobriam a extensão da pele e me vestia. Sim a pele veste o corpo, é um tipo de fronteira entre partes, se não tudo ficaria solto no ar, sem contenção. Só posso dizer que uma horda de zumbis veio em minha direção e não tinha escapatória, mas uma velha de pele bronzeada em rugas, daquelas filhas de gente que já adora o sol a muito, me olhava fundo na retina e repetia sons de um dialeto estranho, parecia xingamento. Os zumbis passaram, a mim não aconteceu nada. Acho que é coisa de não se ter medo mesmo; e vai seguindo o baile, ops! o texto

No entanto, o que interessa aqui é pensar a imagem por um labirinto de formas e deformidades, de delineamentos concretos, abstrações e do ponto de vista do que vejo e

do que me vê<sup>3</sup>. Esse caminho que pode sim dar em lugar nenhum, ou mesmo encontrar saídas para entradas à outras arquiteturas. É um mapa visto de cima, uma cidade observada de sobrevôo, um *packman* dos videogames dos anos 70, um vírus furioso e violento convulsionando no microscópio pronto para pular no buraco da menina do olho de seu observador e invadir tal anônimo organismo, universo todo que não demoraria uma semana para sucumbir ao esvaziamento da alma em uma ala de isolamento clínico de um hospital estadual de recursos limitados na periferia do terceiro mundo, satisfazendo o desejo mais primitivo da molécula viral de desapareição de seu hospedeiro. Seria muito te pedir para ficar um pouquinho desatento a este texto e olhar para dentro? Não vai demorar.

Começamos pensando na memória e tentando localizar onde as imagens sugeridas anteriormente se formaram dentro de você. Quais as referências e referenciais utilizados como estratégias do corpo para localizar lembranças semelhantes capazes de ilustrar as palavras lidas, dando uma espécie de sentido lógico, de entendimento. Concorde comigo que isso são imagens? Nomearemos estas de *visualizações*<sup>4</sup>, que por sua vez são poderosíssimas, devo adverti-lo. Entre todas as magias possíveis de se obter através das visualizações,

3 - Ver: DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed.34, 1998. Nesse livro o autor discute a perspectiva de alguns trabalhos pertencentes a vertente minimalista da arte nos anos 70 e 80, construídos sob a afirmação da presença da obra e sua materialidade como enunciado tautológico da forma, ou seja o que você vê é o que você vê, no entanto, o autor vai desconstruir essa semântica demonstrando que há sempre um fator de subjetividade em devolutiva por parte do expectador e do artista quando no momento da experiência de ver/comunicar-se com um trabalho de arte.

4-Quero dizer que se as *visualizações* são magias feitas, a partir de ações e esforços; as imagens (*visibilidades*) são a pele da magia, aonde se encarna a ação; é por isso que as fotografias são tão perigosas, porque elas captam algo da essência do sujeito e a engaiolam na memória do tempo. A imagem nasce com a morte, ver: DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem, uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis RJ: Vozes, 1993. Também, para uma melhor compreensão observar o caso do boneco de *Vodu* (não confundir com a religião), que é uma espécie de imagem de algum sujeito outro, animada magicamente e capaz de transportar fisicamente as sensações infligidas ao corpo real do ser copiado.







se destaca a criação da realidade. Sim tudo isso não existe. Nem esse texto, nem nada ao seu redor, nem eu e muito menos você. Claro que num sentido palpável sim, há carne e osso, há concreto e cimento, há palavra e papel. Mas o significado é atribuído, é construção de percepção, que seria uma espécie de sofisticação dos sentidos que nos ajudam a compreender, agir e reagir sobre o universo ao nosso redor.

Outra possibilidade da existência da imagem é aquela diante de mim, que vejo, geralmente pelos olhos. Como quero evitar qualquer tipo de conclusão neste texto, porque isso geraria fatalmente exclusões, e não sou adepto a excluir, dura circunstância da minha natureza dupla, vaidosa e exibida de falseador de realidade, uma verdade muito constrangedora que você poderá verificar no capítulo três dessa dissertação. Por isso; não direi que o olho é o órgão-sentido a que tudo vê, posso ver com a mão, ou com a consciência incorporada, e você me perguntaria, e os cegos? e eu te diria: não sei. É sobre a imagem mesmo então, a fotografia, pintura, cinema, escultura, desenho, gravura, a paisagem e toda sorte de projeções da realidade já determinadas com delineamentos circunscritos fora de mim. E isso é uma discussão complexa e infundável, de conversa para muitos autores e um sem número de citações. E também é nesse conteúdo, da imagem encarnada graficamente em superfície que dizem residir a magia.

E viria a tona desde os desenhos das cavernas feitos para dominar e docilizar o espírito animal para entregar-se com segurança ao seu algoz caçador, quanto as vênus atribuídas de fertilidade, aos egipcismos e seus misteriosos famosos paredões de encaminhamento da alma do morto aos portais de retorno ao mundo ou guia para o caminho da plenitude, até a astrologia maia, inca e asteca e seus inteligentíssimos sistemas agrícolas e de organização social, passando aos nossos dias entre transmissões ao vivo de concertos de *rock and roll*, à acidentes rodoviários de vítimas fatais, as coberturas documentais de terremotos, chacinas escolares de atiradores psicóticos muito comum nas manchetes norte-americanas mas que não deixa o calor dos trópicos escapar através de uma triste cópia sangrenta mal feita, até a nossa querida e fofíssima arte

contemporânea, com suas produções ousadas implementadas de toda sorte de matérias, chocolate, lixo reciclável, dejetos e excrementos humanos e animais, partes do corpo, radiografias, elementos químicos, corpos vivos, terra/água/fogo/ar e também o nada, o vazio, o etéreo, o invisível até; a nossa bola da vez, a festejada praticada: *Selfie*, que é uma imagem de si próprio, feito por um aparelho captor manuseado por si próprio, e mais, publicada e compartilhada por si próprio em sua própria rede social, é o máximo, e vai me dizer que isso não é pura magia. É a forma mais inteligente de enganar a morte, afinal não é assim que a imagem nasce, com a morte, a *selfie* é a morte da morte, a imagem fica, a memória fica, e permanece um registro autoral de si próprio. Denominar-se-á esta categoria de *visibilidades*. Fascinante não?

Há uma terceira ponta desta tríade, não menos importante, mas que funciona no espaço entre a *visualização* e a *visibilidade*. Sabe quando você observa um caminhante na rua, vestido com algo atípico e movendo-se mais ou menos alterado, um bêbado, um apressado despercebido, um estrangeiro, um *outsider*, ou um certo alguém que resolveu desafiar as normatizações do corpo e reinventou seu gênero, misturando o conhecido e tornando-se único, ainda aquele sujeito que resolveu dançar fora do compasso, enlouquecendo no passinho do romano<sup>5</sup>, na festa de debutante da filha do prefeito da cidadela conservadora de imigrantes alemães povoada por não mais do que quinze a vinte mil habitantes, enquanto todos timidamente esboçavam movimentos de pés combinados com mãos escondidos atrás de algum copo de bebida alcoolicamente encorajadora. Sem mencionar os que pulam e mechem o quadril para frente e atrás em festas de rua na comemoração do centenário das megacidades,

5- A dança nasceu na zona leste de São Paulo, conhecida inicialmente por Passinho do Magrão, por ter sido criada por Geovani do Divino Silva, conhecido como Magrão no Jardim Romano, na região de Itaim Paulista onde morava. A dança que consiste basicamente por passos desconexos e improvisados com imitações de robô e simulando vergonha ganhou força na comunidade e rapidamente se popularizou ganhando a Zona Leste e outras regiões da Capital e interior do Estado. Tendo como base o funk, já popular em todo o país e trazendo um jeito próprio de dançar; o passinho hoje já tem mais de duzentos mil vídeos lançados no *Youtube*.

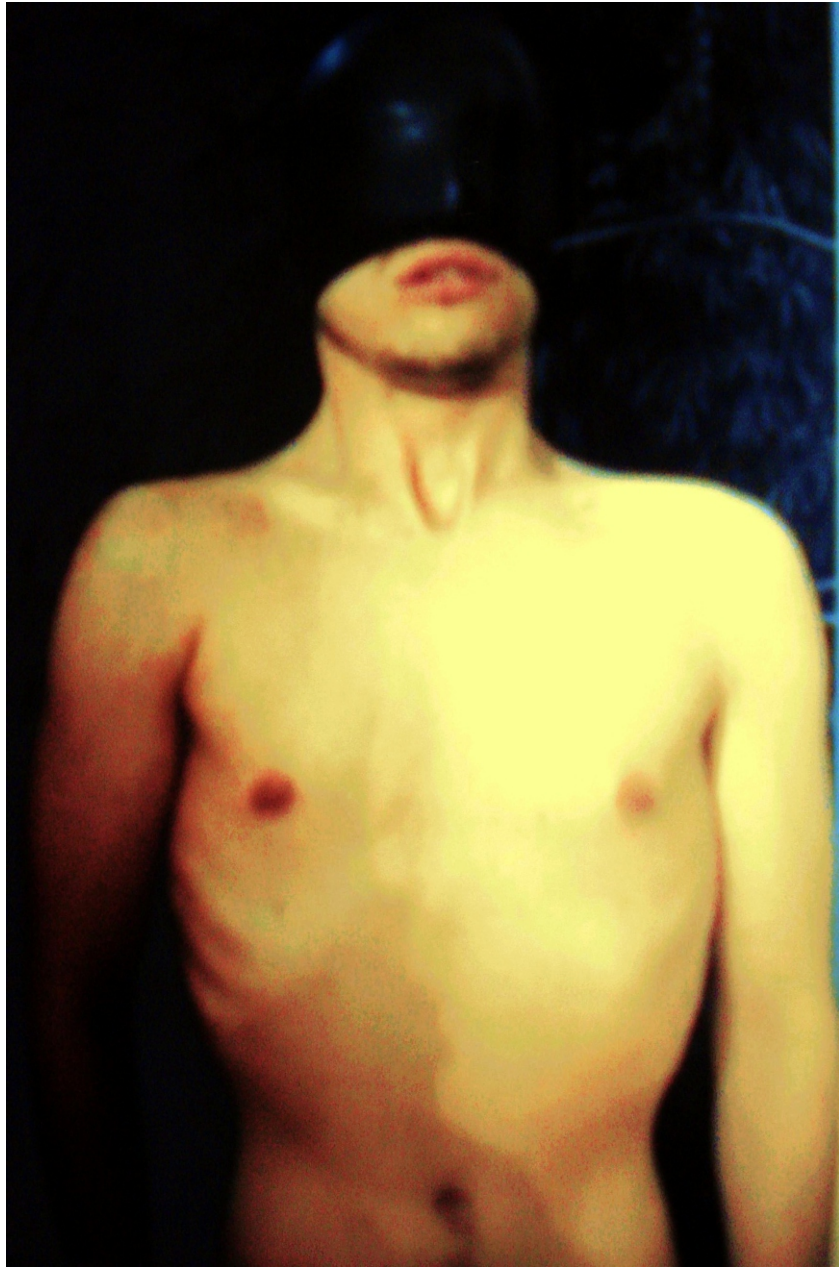


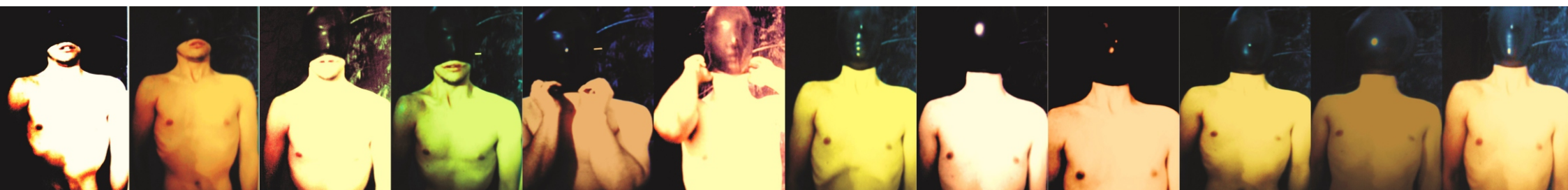










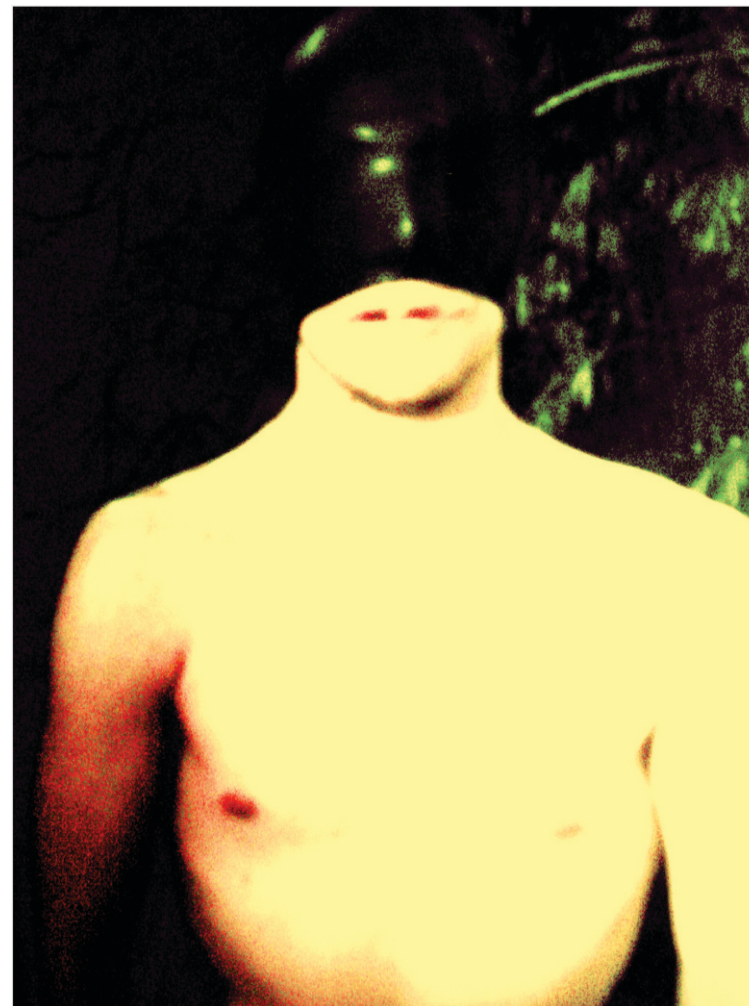








da série: self(ie) disappearance  
retrato 1  
fotografia de performance  
2009



da série: self(ie) disappearance  
retrato 1.2  
fotografia de performance  
2009











da série: self(ie) disappearance  
retrato 2  
fotografia de performance  
2009



da série: self(ie) disappearance  
retrato 3  
fotografia de performance  
2009



da série: self(ie) disappearance,  
retratos 4, 5, 6 e 7 respectivamente  
fotografia de performance  
2009

e entre um formigueiro de gente são capazes de chamar atenção e construir seu espaço *selfie*<sup>6</sup> sem a ajuda de holofotes ou mesmo de alguns músculos sarados-arredondados. E tem aqueles típicos fetiches carnavalesco de vestir-se com micro-saias e vestidos decotados para produzir efeitos de sexualidade corpórea num exercício da liberação dos demônios sociais. Várias tribos indígenas ou de etnias<sup>7</sup> que conservam tradições de conexão com a magia servem-se de seus corpos dando uma forcinha energética ao destino no fluxo do cumprimento dos desígnios do devir. E tem classes de artistas das diferentes linguagens que se servem de seus corpos e propõe trabalhos poéticos que apresentam identidades e fabulações diversas, criando rituais metalinguísticos de colagem e adição de camadas de significados. Entre muitos outros exemplos, diremos que estas imagens, que se constroem e são apagadas no mesmo momento, são *performances*.

6 - Agora a *selfie* não é só mais questão de tempo, mas também de espaço. Quando mencionamos a presença do corpo, seja ela em seu aspecto real ou ficcional, temos os elementos da equação total da operação artística *selfie*: tempo x espaço x energia.

7 - Cito como exemplo de rituais ancestrais, praticados por tribos e civilizações, em diversas partes do mundo, e que são estudados como performance principalmente no campo de estudos da performance (performance studies): As tradições de incorporação/excorporação de entidades nos rituais da umbanda e candomblé, as tatuagens tribais *maoris* na Oceania, os rituais de iniciação entre os índios brasileiros, como é exemplo: a festa de iniciação realizada pela tribo *Tukuna*, que vive na região norte da Amazônia. As garotas começam a participar da iniciação quando menstruam, e ficam durante 4 a 12 semanas em reclusão em um local construído na casa da família com este único propósito. Durante este período, acredita-se que a menina está no submundo, correndo perigo na presença de um demônio conhecido como Noo. Ao final do ritual, outras pessoas utilizam máscaras e se tornam reencarnações do demônio, e a garota fica durante dois dias com o corpo pintado de preto para se proteger do Noo. Na manhã do terceiro dia, ela pode sair da reclusão, e é levada por parentes para as festividades, em que dançam até o amanhecer. Neste momento, a garota recebe uma lança de fogo e deve jogá-la sobre o demônio. Depois disso, a tribo considera que a mulher pode entrar para a vida adulta com segurança.

Lembro ao leitor que estes são simples e incipientes exemplos de toda a infinidade de experiências corpóreas desenvolvidas em séculos de processo de convivência entre humanos, e são apresentados nas notas do texto como apontamentos para estudos futuros e referências quanto ao que está sendo dito, não tendo nenhum caráter de estudo científico.





A performance aqui é entendida como essa emergência de imagens efêmeras, que se fazem ao mesmo tempo que se desfazem diante da audiência. Não nos isolaremos na solidão do campo da arte, mas expandiremos. Vem comigo. A condição do efêmero é não existir, é modificar-se a cada microssegundo em que se faz, é tornar-se simulação daquilo que se supõe ser. Daí a não reprodutibilidade da imagem-performance, que por mais realizada sob esquemas e coordenadas bem especificadas e rigorosamente seguidas, não é possível se obter as mesmas impressões de outros momentos anteriores. O efêmero não pode ser encarnado em materialidade, então acabou, desapareceu e pronto, não adianta apego. É a experiência em pura forma-essência.

A imagem da *selfie* é ato contemporâneo de dar visibilidade a si próprio, através da *visualização*, que seria esse encontro com a imagem que se tem se si próprio, e claro, não seremos ingênuos de nos esquecer que como produto do meio, a imagem que formulamos de nos mesmos, é sempre idealizada e edificada num amontoado de referências seguindo padrões de beleza, tendências midiáticas, necessidades de sociabilidade ou mesmo de busca pela individuação; mas como diria o outro, cada qual com seu qual né; então o que faz as pessoas engendrarem penteados que misturam os anos 30 com 70 em arabescos raspados e encarar a lente da câmera *cyber shot* fazendo biquinho com gloss *tutti frutti*, não é o alvo dessa discussão. Assim, o que de substancial disso tudo, é que esse corpo, de si próprio, que se prepara para ser retratado, por si próprio, culmina em *performance*, e é em fundamento, uma operação técnica. Esse argumento serve para desagarrar o conceito que formula a *selfie* como retrato fotográfico exclusivo em imagem-*visibilidade*, que conhecemos nas publicações *world wide web*, e amplia-la para outros modos de construção da identidade de si, como o texto/ficção, por exemplo, que seria algo de *visualização* em comunhão do escritor com o leitor para dar *visibilidade* através de uma categoria performática da oralidade, de quem conta uma história, da leitura como voz acionada. A constituição da significação da imagem *selfie*, ampliada para conceito estético, como operação no campo da criação artística.



Entendido e proposto aqui como mecanismo de interação com o mundo, o(a)*selfie* não depende do corpo para sua existência e o contrário, mas nota-se que um(a) está diretamente atrelado ao outro, são correspondentes, partes do mesmo sistema. Assim a existência do(a)*selfie* é condicionada ao corpo. Retirando a adjacência “ie” do vocábulo, temos “*Self*”, que é a palavra no idioma inglês, traduzida para o português como ego, o que não é suficiente para dar contexto à amplitude do termo. É esse eu mesmo, você mesmo, ou seja, a referência de si atualizada/realizada; por si, pelo corpo que se tem no momento presente. Alerto que a origem, os problemas relacionados, o desenvolvimento e tão pouco o significado de “*self/ego*” não serão tratados nessa pesquisa, que apesar de alicerça-la, essas problemáticas, são correspondentes a infindáveis e profundos universos singulares de várias áreas do conhecimento, o que exige anos luz de aprofundamento. O que se verá aqui, é na verdade, um modo de escritura ficcional formuladora de imagens imaginadas; com referência no ato fotográfico da(o) *self(ie)*, entendida nessa pesquisa, como técnica contemporânea de *performance* no âmbito social e da arte, realizada, mediada e apresentada pelo corpo. O texto proposto aqui é produto do processo de trabalho inventivo-poético que têm o desejo de tangenciar a ficção, o corpo e a performance arte como temas de composição e dissertação.

No sentido da maneira de utilizar o corpo para ações, já no início de seu texto: *As técnicas do corpo*<sup>8</sup>, Marcel Mauss, em seu combinado livro denominado *Sociologia e Antropologia*, nos regala uma chave conectora entre a fisicalidade, que é o corpo, combinada à estética, que é o que se faz com o corpo, no desenvolvimento das habilidades técnicas humanas. Como exemplo citado pelo autor o ato de nadar, que tem sido modificado entre tempos e sociedades. Essas ações que o corpo é capaz de desenvolver, são estéticas porque fazem parte do universo simbólico e dos valores imateriais de cada povo. Assim o corpo é condicionado pelas características de natureza fisiológica e de

8 - In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. Pg 409.

sofisticação intelectual-tecnológica de cada época, e ao mesmo tempo sofre modificações adaptativas. O sentido e o significado de uma época acontecem e recaem no território do corpo. Logo no começo de texto, Mauss esclarece que entende a expressão técnicas do corpo como: *“as maneiras como os humanos, de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo.”* (MAUSS, pg 409). O autor vai nos explicar que é fundamental para ser uma técnica, esta, ser capaz de ser aprendida e ensinada por entre gerações, ser objeto comunicacional. Mas então, o que eu mais gosto, diga-se de passagem, é o verbo *“servir”*.

A imagem é de uma grande mesa retangular bem presa ao chão que não balança. Na ponta esquerda ficam uma bandeja com jarros de chá, de folhas de ipê roxo tostado, ou mesmo aquele chá chinês cultivado com raríssimas fezes de pandas comedores de bamboo no sul frio da china meridional, tido como o mais caro e saboroso do mundo. Já nos outros cinco ou seis jarros de cristal suíços, decorados pelo ar pulmonar de parrudos assopradores suados que modelaram finamente detalhes e arabescos floridos e com saliências piramidais de dentro para fora, contém sucos de frutas tropicais diversas com sutis misturas de sabores que vão do cítrico ao extremo adocicado. Também teríamos café, cappuccino e até um batido chocolate quente se for uma manhã de inverno. No centro ficariam os pães todos amassados longamente por finas mãos femininas de unhas curtinhas e sem anéis, que teriam aprendido a espichar a massa com suas avós, primeiro de cima para baixo no comprimento do balcão no sentido do baixo ventre ao horizonte longínquo, depois enrolando tudo como se fora um lençol grosso de algodão sírio que precisa caber numa mala de viagem não maior do que uma caixa de sapatos, é preciso ser melindroso e ter esmero. Depois seriam assados à setenta graus com muitas sementes e cereais encima, que grudariam formando uma casquinha crocante e fina para aquele saboroso crack-crack na hora da mastigação. Na ponta direita logo depois do pãozinho ainda quente soltando vapor, e aquele sentimental odor que abre o apetite pelo olfato, estariam dispostos geléias de frutas vermelhas, manteigas de baixíssimos valores calóricos produzidas com a supervisão de antigos artesões culinários gregos e













também mel, muitos maravilhosos tipos diferentes de mel, de abelhas mirins criadas em grandes extensões de terras com laranjeiras frondosas, que crescem para florir e prover o pólen para a colmeia que fica o dia todo conectada a uma caixa discreta de som que emite ópera italiana somente com sustentidos em falsete sem tenores, dizem que são os preferidos das voadoras sem ferrão. Essa refeição seria “*servida*” durante uma manhã qualquer e poderia ser compartilhada entre pessoas que trocam olhares risonhos conversando sobre ideias de viagem e lembranças de passeios de navio pela costa perolada do mediterrâneo. Quer melhor noção de ser servido do que esta?

Há também o servir ao exército, servir aos deuses. Servir uma roupa guardada depois de uma tortuosa dieta que excluía amargamente todo e qualquer tipo de chocolate causando pequenas magoas sentimentais inconscientes no corpo sofredor do sujeito. Aquele que serve está a serviço de algo, em uma missão. Realiza um ofício, cumpre uma função. É o que ajuda, alimenta, auxilia, desempenha, fornece, ministra, satisfaz e oferece, é o sujeito da ação por excelência, o que faz alguma coisa ou sofre o retorno energético de uma ação empregada. Ainda é relacionado ao aproveitar algo, saber alguma coisa, satisfazer uma curiosidade, aprender, utilizar e desfrutar, aproveitar o processo, o percurso. Servir-se é usar para fazer algo, servir-se do corpo é dar sentido as múltiplas possibilidades de desenvolvimento intelectual, físico e cognitivo dessa massa de músculos, neurônios, ossos, sangue e pele, que pensa, age, sente e opera transformando seus *perceptos*, *afectos* e *conceptos*<sup>9</sup> em corporeidade.

Sem querer abruptamente parecer estar trocando de assunto, mas isso de servir tem a ver com imagem, com sua *mais-valia*<sup>10</sup>. Para que ou para quem serve a imagem? Veja bem, a fotografia deve ter causado mesmo alvoroço em seu advento, essa coisa de captar e

solidificar o instante efêmero em um bloco/frame impresso, e assim produzir imagem repleta de *visibilidade* capaz de disparar outras *visualizações* afastadas dos indícios reais da imagem produto do ato fotográfico suscitando ficções, é o que foi substancial para a própria fotografia ganhar seu status, por incrível que pareça, de prova, evidencia, revelação, testemunho e comprovação. Pode ter sido estranho no começo, mas logo as pessoas se adaptaram e se acostumaram a aura de verdade da imagem fotográfica. Temos como prova, o velho ditado da vovozinha: uma imagem vale mais do que mil palavras. Essas qualidades do visível, a *visualização* e a *visibilidade*, dentro do significado teórico no desenvolvimento deste ensaio, as quais quero salientar, tratam de formulações interiores de fórum íntimo do sujeito agente, em contraponto a materialidade impressa. Nesse ritmo, em todos os temas fotográficos, seja a natureza imensa ou a singularidade dos momentos festivos ou políticos, até as grandes guerras e as documentações de vida e morte, é fato que desde seu aparecimento a imagem fotográfica tem sido útil, servil e insurgente em muitos sentidos. Mas desde o uso mais aprimorado e profundamente técnico, que leva em consideração a regulação do foco, abertura da lente, balanços de brancos, entrada de luz até a sua completa e deliciosa trivialização dos dias atuais, onde o “disparo” do flash fotográfico virou para o disparador e mira o próprio fotografado que é, vejam só, coincidentemente o próprio fotografo, nunca se deixou de retratar, que é compor um acontecimento para tornar imagem a efemeridade das ações do corpo, gerando uma espécie de memória que torna permanente, pelo menos por um tempo mais longo depois da morte, a existência do sujeito.

Observamos então, diferentes performances quando olhamos a técnica do retrato. Há aquele(s) que posam, então dependendo da ocasião e do motivo, esboçam sorrisos ou seriedade, deixam os olhos fechados ou puxados para a lateral se a intenção for sensualizar. Quando em grupo, os pequenos na frente e os grandes atrás, abraçados ou levemente próximos, olhando para a lente ou para o horizonte. Tem aqueles que piscam e saem na foto como se estivessem dormindo, tem aqueles que tem uma ideia e numa ação inesperada se destacam

9 - Ver: DELEUZE, Gilles e GUATTARI Félix. *O que é a Filosofia*. São Paulo: Ed.34, 2010.

10 - MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.











Observamos então, diferentes performances quando olhamos a técnica do retrato. Há aquele(s) que posam, então dependendo da ocasião e do motivo, esboçam sorrisos ou seriedade, deixam os olhos fechados ou puxados para a lateral se a intenção for sensualizar. Quando em grupo, os pequenos na frente e os grandes atrás, abraçados ou levemente próximos, olhando para a lente ou para o horizonte. Tem aqueles que piscam e saem na foto como se estivessem dormindo, tem aqueles que tem uma ideia e numa ação inesperada se destacam causando algum constrangimento para outro componente da imagem, como um chifre com os dedos, ou um gesto comicamente obscuro. Entre muitas formas de ser retratado, há também a *performance* daquele que retrata, como aqueles que sinalizam com o velho e bom: sorriam, ou mesmo os que paranoicamente arrumam e desarrumam os retratados até conquistar a simetria mais adequada. O fato é que existe toda uma economia de trocas simbólicas em torno dessa questão do retrato, que como foi discutido até aqui, envolve as complexidades da natureza da imagem, as técnicas do corpo (*performances*), e dos dispositivos tecnológicos de reprodução/duplicação da imagem do corpo (fotografia) em relação à ficcionalização do sujeito, o que deixa esse tema da *selfie* muito complexo. Então é devido manifestar, que a *selfie* não é o assunto central desse trabalho, mas um subterfúgio para apresentar e discutir algumas investidas poéticas do meu “eu-mesmo” como propositor de arte

